

# AS ATITUDES DE INDIVÍDUOS PARA COM OS ANIMAIS SUÍNOS EM PRODUÇÃO FAMILIAR E PEQUENA PRODUÇÃO<sup>1</sup>

LAS ACTITUDES DE INDIVIDUOS HACIA LOS ANIMALES PORCINOS EN PRODUCCIÓN  
FAMILIAR Y PEQUEÑA PRODUCCIÓN

THE ATTITUDES OF INDIVIDUALS TOWARDS PIGS IN FAMILY AND SMALL PRODUCTIONS

**Rui Pedro Fonseca**

Pós-Doutoramento no CIES-IUL (ISCTE). Investigador integrado no Centro de Investigação de Estudos em Sociologia – Instituto Universitário de Lisboa (Portugal).

Email: fonsecarppd@hotmail.com

**Enviado: 03/05/2019    Aceptado: 05/06/2019**

---

<sup>1</sup> Para além de excertos de entrevistas, este estudo contém imagens de explorações de suínos e inquiridos/as. Foram dadas as respetivas permissões para publicação.

Agradecimentos: à Verónica Policarpo (ICS - Lisboa) pela revisão científica; à Ana Sofia Matos pelo acompanhamento presencial; e a todos/as os/as inquiridos/as que colaboraram com este estudo.

Este é um trabalho de análise qualitativa sobre as práticas e atitudes de indivíduos que lidam com o manejo e abate dos animais da espécie suína. Foi realizada em dois universos distintos: *produção familiar e pequena produção* - contextos exploratórios motivados pela masculinidade, *hobby*, comensalidade e, respetivamente, comércio. As relações e as atitudes das pessoas inquiridas para com os animais revelaram-se complexas, por vezes contraditórias, oscilando entre o afeto e, sobretudo, o desapego – essencial para a consecução do seu abate e consumo. Já os animais permanecem mais fixos num estatuto de objetificados, podendo, eventualmente, ser reposicionados enquanto indivíduos e até, em casos excepcionais, adotados como *pets*. Estas atitudes diferenciadas podem ser despoletadas por fatores como a espécie, idade e sexo (dos animais); género, memórias de dado indivíduo (humano); o tempo despendido, as tarefas desempenhadas com os animais; e o contexto de produção animal.

**Palavras-chave:** atitudes, indivíduos, suínos, produção, familiar, pequena

Este es un trabajo de análisis cualitativo sobre las prácticas y actitudes de individuos que se ocupan del manejo y muerte de los animales de la especie porcina. Se realizó en dos universos distintos: *producción familiar y pequeña producción* - contextos exploratorios motivados por la masculinidad, *hobby*, comestibilidad y, respectivamente, comercio. Las relaciones y las actitudes de las personas encuestadas hacia los animales se presentan complejas, a veces contradictorias, oscilando entre el afecto y, sobre todo, el desapego - esencial para la consecución de su sacrificio y consumo. Los animales permanecen más fijos en un estatuto de objetivados, pudiendo eventualmente ser reposicionados en cuanto individuos y, en casos excepcionales, adoptados como mascotas. Estas actitudes diferenciadas pueden ser desencadenadas por factores como la especie, edad y memorias (de los animales); género, memorias de dado individuo (humano); el tiempo empleado, las tareas realizadas con los animales; y el contexto de producción animal.

**Palabras clave:** actitudes, individuos, porcinos, producción, familiar, pequeña

This is a qualitative research about practices and attitudes of individuals who deal with the management and slaughter of pigs. It was performed in family production and small production types - exploratory contexts motivated by masculinity, hobby, commensality and, respectively, trading. The attitudes of people towards animals proved to be complex, sometimes contradictory, oscillating between affection and, mostly, detachment - essential for the achievement of their slaughter and consumption. Animals, however, remain more fixed in an objectified status, may eventually be repositioned as individuals and even, in exceptional cases, adopted as pets. These differentiated attitudes can be triggered by factors such as species, age and sex (of animals); gender, individual memories (in humans); the time spent, the tasks performed with the animals; and the exploratory context.

**Keywords:** attitudes, individuals, pigs, production, family, small.

## Introdução

A história da exploração dos animais para fins alimentares está associada a uma eliminação progressiva do seu contacto físico (na qualidade de vivos) face à população. Há um princípio elementar aplicável a Portugal e à generalidade dos países ocidentais – a maior parte da população consumidora, sobretudo dos grandes centros urbanos, não assiste a uma única parte dos processos pelos quais os animais são convertidos em alimentos. Para segmento substancial do tecido social, o contacto direto com estes animais surge no momento da sua compra, ou mesmo durante a sua preparação e consumo, como fragmentados enquanto ‘carne’, ‘filetes’ ‘bifes’, etc., portanto, enquanto “referenciais ausentes” (Adams, 2003). Neste estágio, em que já se encontram coisificados, contribui para que os animais não sejam pensados como indivíduos<sup>2</sup> e, muito menos, que se cogite sobre o seu percurso e condições de vida - o resulta na neutralização de qualquer sentimento de empatia que se possa desenvolver relativamente a eles. Ou seja, consome-se o ‘presunto’ sem nunca se conhecer e, muito menos, conceber o porco como indivíduo.

Mas a produção de animais para fins alimentares requer, necessariamente, a existência de pessoas que lidem diretamente com eles. São aquelas dos contextos rurais, periféricos, da produção familiar e pequena, sobretudo dos contextos da grande produção, onde indivíduos, trabalhadores, veterinários, operadores de matadouros, etc., - que os criam, alimentam, engordam e vendem -, prestam cuidados veterinários e que os abatem. Este estudo pretende testar a **hipótese** de que as atitudes e comportamentos humanos em relação aos convencionados ‘animais de produção’ podem apresentar um carácter heterogéneo. Ou seja, entrarão em jogo emoções, relações complexas e dinâmicas, em que os animais poderão ser classificados como mercadoria, (re)posicionados como indivíduos e, em casos excepcionais, como *pets*.

Os **objetivos** deste estudo baseiam-se na compreensão das relações dos humanos para com animais, concretamente sobre (1) a complexidade das atitudes dos indivíduos que lidam com os animais da espécie suína durante o seu manejo e abate; e (2) as formas

---

<sup>2</sup> Em Portugal, os consumos de ‘carne’ e de outros produtos de origem animal requerem, em média, a morte a cerca de 52 milhões de animais (das espécies bovina, suína, ovina, caprina, aves, coelhos e galinhas poedeiras) (FAO United Nations, 2009/2010) por ano. Mas estes números oficiais não consagram algumas explorações de animais, familiares ou pequenas, onde se realiza o abate clandestino.

de organização social, particularmente a pertinência da divisão sexual do trabalho. A consecução destes objetivos requereu que fossem inquiridas um total de 13 pessoas de dois universos distintos: *produção familiar* (5 mulheres + 2 homens) das Freguesias de Candemil e Salvador do Monte (Amarante); e *pequena produção* (3 mulheres + 3 homens) das Freguesias de Ansiães, Várzea (Amarante) e Malhapão (Oiã).

### Metodologia

Os contextos de produção, o género, as tarefas a desempenhar, a idade, a experiência (Wilkie, 2010) e tempo despendido com os animais – constituem-se fatores considerados que terão implicações nas formas de atuação e nas atitudes daqueles que lidam com os animais. Nestes contextos de produção (do mais familiar ao mais comercial) surge o paradoxo do ‘cuidar para depois matar’. Mas independentemente de, praticamente, todos estes animais estarem destinados a serem mortos, não quer forçosamente significar que todos os indivíduos (humanos) que lidam com eles, na vida e na morte, tenham as mesmas experiências e adotem as mesmas atitudes.

Esta análise qualitativa constitui-se num registo das forças, mecanismos, práticas e atitudes dos humanos em relação aos animais - que consubstanciam processos sociais, histórica e geograficamente localizados. Para a concretização deste estudo recorreu-se às entrevistas semiestruturadas como método de recolha de dados para os diferentes contextos produtivos. Foram aplicadas individualmente, por vezes em grupos, questionando (oralmente) a população sobre: o tempo de atividade; motivações; práticas; atitudes; memórias; afetividades; e formas de organização social geradas em torno da produção / abate destes animais. Foi ainda observada, quando dada permissão, a performatividade dos inquiridos durante o maneo ou mesmo abate dos animais. Foi também utilizado o diário de campo e o registo fotográfico como ferramentas complementares de observação dos entrevistados e dos contextos de produção<sup>3</sup>.

A análise às atitudes e práticas observadas nos diferentes contextos de produção implicou um enquadramento teórico aos inscritos papeis de género, às respetivas dimensões simbólicas associadas às práticas de maneo / abate, bem como o recurso ao ecofeminismo e à teoria interseccional. De realçar a consulta de alguns trabalhos

---

<sup>3</sup> De assinalar contingências relacionadas com a dificuldade de aplicação de entrevistas a alguns contextos de *produção familiar* e de *pequena produção*. Existiram muitas faltas de resposta à solicitação de colaboração com este estudo. Mesmo alguns que aceitaram colaborar, manifestaram muita desconfiança, sobretudo no início dos contactos.

etnográficos como o de Dantas (2008), realizado na região de Seridó (Rio Grande do Norte, Brasil), que incide sobre as formas de sociabilidade e de solidariedade em torno da criação, matança e consumo de porco. Ou ao trabalho de campo de Froehlich (2012), junto de famílias do Município de São Paulo das Missões (Rio Grande do Sul, Brasil), que explica a divisão sexual do trabalho, e as dimensões simbólicas associadas às práticas de criação, abate (*i.e.*: “*carneadas*”) dos animais suínos. De salientar, especialmente, o trabalho etnográfico, com observação participante, de Rhoda Wilkie (2010) enquadrado nas experiências e atitudes de trabalhadores do nordeste da Escócia que lidam diretamente com os animais explorados para fins alimentares.

A compreensão das práticas e das atitudes dos homens e das mulheres em relação aos animais também requer um reconhecimento da existência dos dualismos e papéis de género profundamente arraigados nestes contextos de produção (familiar e pequena) de animais. Daí considerar-se fundamental um devido enquadramento dos géneros enquanto resultados de processos sociais e culturais (Almeida, 1995), cujos esquemas de ação e pensamento são, consciente ou inconscientemente, apreendidos e reforçados (Bourdieu, 1998). Refiro-me, por exemplo, à divisão sexual do trabalho inscrita nos contextos de *produção doméstica* e em *pequenas produções*, cuja ordem social (masculina) usualmente encarrega mais os homens do abate, e as mulheres mais do maneio dos animais.

Assume-se a relevância do legado, conceptual e analítico, do ecofeminismo que permite compreender a interseccionalidade: as maneiras pelas quais múltiplas formas de opressão, dominação e subordinação (Adams, 2003) podem atuar em relação ao género e à espécie. Particularmente nos contextos de produção familiar, em que o consumo de ‘carne’ e a dominação sobre os animais são componentes essenciais da performatividade de um modelo de masculinidade tradicional (Parry, 2010), ou mais “*primitivo*” (Rogers, 2008). E em que, por exemplo, o abate dos animais de maior porte está usualmente conotado com o prestígio (Méchin, 1991), masculinização dos rapazes (Kheel, 1996), associado ao poder, virilidade, e dominação (Parry, 2010).

### 1. As atitudes para com animais suínos em produções familiares

As freguesias inquiridas de Ansiães, Candemil, Salvador do Monte (do Concelho de Amarante) assinalam processos sociais padronizados observáveis em muitas regiões rurais ou periféricas portuguesas: migração das gerações precedentes (sobretudo a partir da década de 70) para o estrangeiro e para as grandes cidades, em que a procura de

trabalho e a escolarização surgem como as motivações principais que justificaram tal mobilidade social.

Estas zonas rurais, ou periféricas, não se configuram temporalmente estáticas, nem impermeáveis às novas mudanças sociais e tecnológicas que se observam e experienciam nos maiores centros urbanos; mais impregnados de informações, simbolizações, mais multiculturalizados. Estas zonas registam transformações, designadamente o vínculo das economias locais com outras nacionais (e vice-versa), novas configurações, designadamente no próprio tecido social que pode convergir aprendizagens herdadas dos antepassados, com outras de carácter mais moderno.

Atualmente, a *produção familiar* de animais suínos pode combinar a modernização com a tradição. Modernização porque, por exemplo, no decorrer das práticas de abate destes animais pode fazer-se uso de instrumentos modernos: como os de corte; ou do aparelho de eletronarcose<sup>4</sup>, para efeitos de atordoamento (poucas vezes usado nestes contextos); ou do maçarico (em vez da carqueja) para queimar os pelos do animal após o seu abate; etc. Tradição porque o maneio e o abate surgem motivados por *hobby*, masculinidade e comensalidade (questão desenvolvida mais adiante).

Adicionalmente, a internalizada divisão sexual do trabalho constitui-se num fator fundamental que pode ajudar a explicar as práticas diferenciadas de homens e mulheres para com os animais. Práticas diferenciadas surgem, amiúde, enquanto produto da história, em que os espaços domésticos destes contextos estão mais reservados às mulheres, as quais são responsáveis pelas lides domésticas, estando mais encarregues do cuidado e alimentação dos animais<sup>5</sup>. Já os homens tendem a estar mais fixados em atividades produtivas ligadas ao comércio, ou indústria, estando mais desconectados (fisicamente e emocionalmente) dos espaços domésticos e, conseqüentemente, dos animais. Mas a inscrita divisão sexual em contextos de *produção familiar* pode auxiliar numa compreensão que vá para além das práticas convencionalmente geradas, dando

---

<sup>4</sup> Mesmo que o abate do porco seja efetivado fora dos matadouros, o atordoamento dos animais e a presença de um veterinário é atualmente obrigatório (de acordo com o Decreto-lei 28/96, de 2 de Abril). Na maior parte dos casos, este aparelho não é usado. Foi manifesto algum receio em alguns dos inquiridos que eu fosse algum elemento da ASAE. Aconteceu procurarem certificar-se que eu ouvia que abatiam até três porcos por ano (o permitido por lei, para consumo próprio)

<sup>5</sup> Particularmente, a criação de porcos é efetivada em pequenas pocilgas, em modo semi-intensivo, ou mesmo em regime extensivo. Podem alimentar-se da vegetação da terra, ser alimentados com restos domésticos, com ração, ou mesmo combinar as três maneiras possíveis. Também as crianças, que vão aprendendo que um dia o animal terá de ser morto, podem prestar auxílio na alimentação.

luz às disposições, atitudes e verbalizações (ou falta delas) em torno do manejo e abate dos animais suínos.

Nestas comunidades rurais e periféricas a ‘carne vermelha’, tal como os animais de maior porte (como o porco), são ainda percecionados como símbolos de prestígio e de estatuto social (Cerqueira, S/D). Estas tradicionais comensalidades estão dependentes do trabalho mais pesado: a morte do animal. É uma prática especializada que requer colaboradores, mão-de-obra (usualmente composta por membros do agregado doméstico ou comunitário do produtor), e o empreendimento de tarefas cujos papéis estão usualmente bem demarcados. No Ocidente, e Portugal não foge à regra, cabe aos homens matar o porco. O ‘matador’, aquele que faz a ‘sangria’, pode ser o ‘chefe da família’, mas pode ser também outro homem convidado cuja experiência e habilidade o tornam legitimado para a execução do animal. No decorrer do abate, nos casos em que existe assistência, poderá ser manifesto um estado de tensão desde o momento em que se dá o ‘nó corrediço’ no animal, até à sua imobilização em cima da ‘tripeça’ onde será morto. Constituem momentos em que muitas pessoas, mesmo da aldeia, “*não têm coragem de ver*” (Isaura e Sr. Teixeira, Salvador do Monte).

Para os homens, sobretudo aqueles que estão encarregues da morte do animal, a exaltação das suas virtudes associadas a um dos modelos (mais tradicionais) de masculinidade requerem a não demonstração de afetividade, medo, angústia, sob o risco de evidenciarem fraqueza. Os processos de matança do porco, sobretudo quando tornados públicos, representam momentos de obtenção de visibilidade para os homens, de reconhecimento e validação social (perante família, vizinhança, conterrâneos e os pares) onde a força, a bravura, a inflexibilidade, precisão e a frieza são demonstradas pelo uso da autoridade, dominação e agressividade sobre o animal.

Os rapazes, os futuros ‘chefes de família’, eram (e são, embora com muito menos frequência) incentivados a observar, por vezes a participar na matança. Por exemplo, o Sr. Teixeira (Salvador do Monte) (Ver imagem nº 3, em anexo), desde o tempo dos pais, já perdeu a conta dos porcos que já “*meteu a faca*”. Mas também existem homens, como os casos do sogro e do cunhado de Isaura (Salvador do Monte) que, motivados pela procura de validação, se “*armaram em matadores*” (*Idem*) mas não o lograram. O sofrimento dos animais pode ser dissuasor, mesmo para os que pretendem dar provas de bravura. Estes homens chegaram a um ponto a que “*já nem podiam olhar para o bicho (...) foram-se embora e depois nunca mais experimentaram*” (*Idem*). Até para os

mais experientes, como o Sr. Teixeira (Salvador do Monte), uma morte mais sofrida dos animais pode criar desconforto: *“quando a faca não entra no sitio certo é desagradável”*. Mas também existem outros casos, como os amigos do marido (‘matador’) da Adelaide (Candemil) que dizem que se ocupam do serviço (da matança) mas que depois desistem. Ou casos de homens, como o Sr. Augusto (Candemil), que assumem não se prestarem ao serviço da matança porque *“chega aquela altura e não conseguia”*. Mas encontrar quem abata, ou mesmo quem ajude a abater estes animais em contextos de *produção doméstica* começa a ser cada vez mais difícil: *“há falta de homens que agora ajudem”* (Adelaide, Candemil). Por exemplo, o filho do ‘matador’ – o Sr. Teixeira (Salvador do Monte) - *“não gosta de matar ou de ver matar”* (questão desenvolvida no final desta secção e nas conclusões).

Muitos indivíduos, da família ou da comunidade, sendo mais suscetíveis à violência visual e aos grunhidos dos animais recusam-se a presenciar o momento. Foram mais as mulheres que verbalizaram os seus desconfortos emocionais: por exemplo, o caso da Celeste (Candemil) que, embora pertença a uma família onde se faz criação de suínos há mais de 38 anos, menciona *“não ter coragem”* para assistir, que fica *“muito incomodada enquanto [o porco] não para de berrar e enquanto sai sangue para todo o lado”*. Ou o caso da Ana (nora do Sr. Teixeira, Salvador do Monte), que não suporta saber que *“eles estão ali a berrar a ser castrados (...) e depois a ser mortos”*.

Por convenção, vetadas do processo da matança, as mulheres já poderão participar para aparar o sangue com uma bacia durante a ‘sangria’ do porco. Existe uma clara divisão sexual no trabalho de abate nos contextos de *produção familiar* que, geralmente, é orientada pela espécie / porte dos animais. As mulheres podem abater animais de menor porte e prestígio (e.g.: coelhos e galinhas); e os homens ficam encarregues de matar os animais de maior porte e prestígio (e.g.: bovinos, suínos). O prestígio dos animais estará também relacionado com a resistência que eles oferecem à morte (Méchin,1991): ora, quanto maior seu porte, mais a sua morte será dificultada. Após o abate do animal, os pelos são chamuscados, a pele escaldada e removida com algum objeto cortante e, só então, se dá início à ‘desmancha’ - uma minuciosa tarefa que normalmente também é executada por homens.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Numa primeira etapa da ‘desmancha’ é feito um corte longitudinal no externo do animal, em que os órgãos e as tripas (que não podem ser cortadas, sob a pena de o cheiro ser nauseabundo) são retiradas. Se a tradição for



Nestes contextos de *produção familiar* os animais podem ser falados com mais frequência, lidados de forma mais positiva, reconhecidos como seres individuais ou até, excepcionalmente, serem designados por nomes e adquirirem o estatuto de *pets*. É o caso da porca ‘Ruca’ e do porco ‘Fredy Guarín’ “*que chamam e lambuzam a gente*” (Augusto, Candemil); ou o caso das cabrinhas da Celeste (Candemil) que “*são meiguinhas*”, e que a tutora impede que sejam abatidas e convertidas em ‘carne’. São casos de animais com os quais são mantidos vínculos, recebendo mais atenção e afeto pelos criadores que, deliberadamente, optam por mante-los vivos.

Mesmo os ‘matadores’ podem adotar atitudes e práticas diferenciadas, por vezes contraditórias, em relação a animais de outras e da mesma espécie. É o caso do Sr. Teixeira (Salvador do Monte) que, embora tenha perdido a conta dos “*porcos que meteu a faca*”, lá domesticou um deles: o ‘Ruca’, que “*virava-se com as patas no ar*”, que se destacou dos demais por ser frágil em cria, e porque seguia as pessoas<sup>7</sup> (ver imagem nº 5, em anexo). É, portanto, observável que nos contextos de *produção familiar* poderão coexistir atitudes em relação aos animais que variam das mais instrumentais às mais afetivas, que são despoletadas pelo grau de proximidade (e distanciamento) emocional, e desconforto moral em abater certos animais, consoante a sua idade, espécie e outras características individuais. Ou seja, para estes entrevistados, o estatuto dos animais pode variar entre *objetificado* (abatível / consumível) ↔ a *indivíduo* (cujo abate é delegado / mas consumível) ↔ a *pet* (não abatível / não consumível).

Nestes contextos existem complexas relações - repletas de contradições e ambivalências - entre estes animais e seus rotineiros cuidadores que, praticamente em todos os casos, irão conduzir os animais à morte, vindo a tornar-se nos seus consumidores. Evidencia-se, sobretudo pelos homens, um reconhecimento (factual) dos porcos como seres “*inteligentes*” (Augusto, Candemil). Mas, sob o risco de serem percecionados como vulneráveis e inseguros (atributos já admissíveis nas mulheres), ou porque as emoções podem atrapalhar nos momentos da execução dos animais, foram os homens que mais se inibiram de expressar emotividade(s). A verbalização, ainda que escassa, foi mais centrada no seu espírito de missão, no compromisso de dar provas,

---

totalmente cumprida, serão as mulheres a lavarem as tripas para depois fazerem os típicos enchidos: ‘alheiras’, ‘salpicões’, ‘linguiças’, ‘chouriços’.

<sup>7</sup> O ‘Ruca’ iria depois “*dar problemas por estragar a plantação do vizinho*” (Sr. Teixeira, Salvador do Monte). Não tiveram coragem de o abater nem de o comer. Foi dado a um outro homem que acabou por abatê-lo para consumo.

pelo desempenho e autocontrolo. Afinal, “*quem cria porcos para matar é para isto*” (Teixeira, Salvador do Monte).

Já as mulheres verbalizam mais desgaste emocional em relação ao sofrimento, morte e desaparecimento dos animais. Porque permanecem mais relegadas ao espaço doméstico, passando mais tempo com estes animais, também lhes cabe a elas uma gestão particularmente difícil das relações (e das emoções) para com aqueles que um dia terão de ser abatidos e consumidos. Para algumas mulheres, a criação destes animais envolve a alimentação, mas também a criação de vínculos: “*eu acalmo os animais*” (Ana, Salvador do Monte); “*a gente gosta de lhes fazer festinhas, mas nem devia ser assim porque depois é pior. A gente afeiçoa-se a eles*” (Julieta, Candemil) (Ver imagem nº 2, em anexo). Mas a aceitação de que a morte será o destino inevitável dos animais, a consecução da sua confeção e o posterior consumo, estão dependentes de um condicional despreendimento: “*não queremos apegar-nos a eles*” (Adelaide, Candemil); e mesmo de racionalizações (“*tudo que nasce, morre...*” - Isaura, Salvador do Monte) que podem atenuar eventuais conflitos internos.

Embora estejam, socialmente e voluntariamente, apartadas dos processos de matança, todas as mulheres inquiridas (com exceção da Ana, Salvador do Monte) encarregam-se da preparação culinária do animal) e consomem a sua ‘carne’.

## 2. As atitudes para com animais suínos em pequenas produções

As três *pequenas produções* de suínos visitadas apresentam uma organização social com similitudes, mas também algumas diferenças, comparativamente às produções familiares. Similitudes porque são principalmente os homens que se mantêm encarregues do abate destes animais; disposições que surgiram durante a infância dos inquiridos por influência predominantemente masculina (pais, tios, avôs, colegas de trabalho) (desenvolvido mais adiante). Mas nestas produções também os homens, e não apenas as mulheres, podem ocupar-se do manejo dos animais, o que subentende que possam ser criadas hipotéticas conexões emocionais entre espécies – sobretudo aquelas, como as ‘porcas reprodutoras’, que são mantidas com um maior tempo de vida.

Diferentemente das produções familiares, as *pequenas produções* são orientadas pelo lucro, ambicionando escoamento de produtos de origem animal para os mercados locais e regionais. Tal sucede com as produções do Sr. Eduardo e Marlene (Ansiães), a do Sr. Diogo (Várzea) produz porcos de ‘raça bísara’ e vende-os para produções

familiares<sup>8</sup>. Mas embora se tratem de pequenos negócios estes produtores usualmente ambicionam, e chegaram a verbalizar tais ensejos, o crescimento das suas explorações. Por exemplo, o Sr. Licínio e Inês (Malhapão) mantinham, inicialmente, um discurso exclusivamente comercial<sup>9</sup>, expressando o desejo que a sua produção de leitões obtivesse autorizações para ser aumentada para incluir fumeiro e restaurante (Ver imagem nº 8, em anexo).

Comparando com os modelos de média e grande produção, as *pequenas produções* são compostas por infraestruturas de menor escala, contendo um número total de animais (sempre divididos em lotes) que pode chegar à meia centena, podendo combinar métodos modernos de produção intensiva<sup>10</sup> e semi-intensiva. Nestes contextos de produção é o próprio patronato que usualmente se encarrega da mão-de-obra. Dizia Inês que, na sua pequena produção, “é preciso despachar“, ser-se “*muito pão-pão queijo-queijo*” (Malhapão), chegando até a ajudar o marido (Sr. Licínio) com o abate dos “*pequenos*” (aves, coelhos, leitões, etc.).

A *pequena produção* de suínos contém distintas etapas, onde os animais são divididos em lotes, classificados sob critérios que atendem ao sexo, idade, e funções reprodutoras. As ‘porcas reprodutoras’, que usualmente permanecem confinadas num dado espaço exíguo (ver imagem nº 9, em anexo), são as que têm uma duração de vida mais alongada, aproximadamente até aos quatro anos e meio, sendo depois abatidas e convertidas em ‘carne’. São repetidamente sujeitas à fecundação (natural ou artificial) duas a três vezes por ano, até ao resto da sua vida. Podem dar à luz, em média, cerca de 20 leitões / ano e estes, após obterem um determinado “*calibre*” (Sr. Licínio, Malhapão), são imediatamente afastados da mãe. O destino dos leitões é orientado pelas motivações económicas de cada produtor. Nas produções do Sr. Diogo (Várzea), do Sr. Eduardo e Marlene (Ansiães) os leitões (machos) são sujeitos à engorda até aos quatro / seis meses, alguns sexualmente castrados (muitas vezes sem anestesia), para serem vendidos a produções ou encaminhados para o matadouro. Já na produção de leitões do Sr.

<sup>8</sup> Estes pequenos produtores vendiam porcos para clientes de algumas freguesias de Amarante, designadamente para os contextos de *produção doméstica* (abordados na Secção 1).

<sup>9</sup> E.g.: “Se for leitões para carne o melhor é Landrace e Large White.”; “Tenho uma (porca) reprodutora espetacular.”; “Uma porca reprodutora em fim de vida pode ser rentável. Pode ser usada para carne e para enchidos. Também quero ter um fumeiro tradicional, é muito rentável.” (Licínio, Malhapão); “Tenho um calendário onde aponto tudo direitinho sobre os ciclos reprodutores das porcas” (Inês, Malhapão).

<sup>10</sup> Produção intensiva porque muitos dos animais encontrados estavam divididos em lotes, em espaços exíguos, sem acesso à vegetação ou à luz direta. Particularmente as porcas são sujeitas a constantes reproduções (naturais e por inseminação).

Licínio e Inês existem cerca de setenta fêmeas, algumas delas em espaços exíguos, e sujeitas à procriação / maternidade. Outras, mais jovens, permanecem em recintos com acesso à luz natural, em regime semi-intensivo (ver imagem nº6, em anexo), são destinadas ao abate (após um ano) ou convertidas em ‘porcas reprodutoras’. Embora nesta produção existissem dois porcos adultos usados unicamente para reprodução, a inseminação artificial das fêmeas era o procedimento mais utilizado.

O maneiio das explorações de Malhapão e de Ansiães apresenta alguma divisão sexual do trabalho, pressupondo experiências e formas de interação diferenciadas para com os animais. Enquanto a alimentação dos animais e a limpeza das instalações pode estar a cargo de ambos os sexos, usualmente o encaminhamento de animais (para os lotes, abate ou reprodução), as amputações (de caudas e dentes) são desempenhados por homens. Já as mulheres estão mais encarregues de ajudar no parto das ‘porcas reprodutoras’. Inês (Malhapão) verbalizara a desenvoltura, e mesmo um cuidado (“*materno*”), para com os animais. Caso se encontrem em perigo de vida, é capaz de perder “*uma noite por eles (...) de lhes fazer massagens cardíacas e respiração boca-a-boca*”. Faz, aliás, “*tudo para os salvar mas, depois de tudo, têm de morrer.*” (Inês, Malhapão). A Beatriz (filha de Inês e Sr. Licínio, Malhapão) também vai ajudando com o maneiio dos animais, mantendo-se mais próxima daqueles com os quais cria mais vínculos, e que não é capaz de consumir: nem “*coelhos, nem cavalos, nem cabrinhas. Esses são muito fofinhos.*” (Ver imagem nº 7, em anexo)

Já o abate é, em todas as *pequenas produções* inquiridas, mão-de-obra predominantemente masculina. O Sr. Diogo (Várzea) foi “*habitado desde criança*” a assistir à morte do porco; o Sr. Eduardo (Ansiães) cedo começou “*a tratar do serviço*”; e o Sr. Licínio (Malhapão) deu início à experiência de lidar com o abate no restaurante de leitões onde trabalhara desde os dezasseis anos. Todos os inquiridos verbalizaram as experiências com o abate de forma diferenciada. O Sr. Eduardo (Ansiães) apresentara um discurso mais centrado no seu espírito de missão. Afinal, é um “*serviço que tem de ser tratado*”. Para o Sr. Diogo (Várzea), que tem de “*olhar para eles todos os dias*”, não “*fazer a ligação*” (emocional) pode constituir-se num mecanismo de defesa, que distancie eventuais sensações de angústia na hora de abater, vender ou de deixar os animais no matadouro. Já para o Sr. Licínio, a sua boa disposição permanecera imutável quando o tema do abate dos animais foi abordado: “*a gente muda-lhes o óleo*” – eufemismo (de fazer sangrar os animais) muitas vezes usado, que pode amenizar a

violência e sofrimento com que tem de lidar praticamente todos os dias. “*Não se pode pensar muito!*”, será contraproducente na prática do abate: “*é chegar ali e zás! Zás! Zás!*” (Sr. Licínio, Malhapão) (Ver imagem nº 10, em anexo).

Por força destes contextos produtivos, onde predominam objetivos estritamente comerciais, os indivíduos serão compelidos a internalizar sentimentos que reforçam a desindividualização e o estatuto de mercadoria destes animais. Aliás, tal como observara Wilkie (2010), as atitudes instrumentais adotadas durante o abate dos animais tornam-se funcionais porque asseguram a eficiência da força de trabalho. Mas existem estados emocionais, práticas e atitudes contraditórias destes indivíduos (homens) que podem variar consoante a espécie, ou alguma afinidade despoletada em relação a algum indivíduo não-humano. O caso do Sr. Licínio, apesar de ser tão experiente a lidar com o abate dos animais, designadamente leitões, revelou sentir conflitos internos em relação aos “*bons animais*”, como as ‘porcas reprodutoras’, com as quais passa mais tempo e que, apesar de exploradas, se revelam dóceis. Ou seja, para este produtor, um bom animal é aquele que é manso e flexível, mesmo apesar das condições insalubres a que está sujeito. O tempo que passa com estes animais surge também como fator possibilitador da criação de vínculos. Dizia: “*só tenho dificuldade em mudar ao óleo aos que conheço*”, como a ‘Catorze’ - uma porca que “*marcou*” Sr. Licínio, e que não foi capaz de matar: “*não é fácil. Se tiver um bom animal dói muito*”<sup>11</sup>.

Outros estados emocionais, práticas e atitudes contraditórias, que revelam desconforto, em relação a algumas espécies de animais foram expressas pelo Sr. Licínio que, por necessidade comercial, só recentemente conseguiu “*mudar o óleo às cabrinhas*”. Mas “*a essas é muito difícil, berram como crianças! É preciso chegar lá e, zás! Cortar daqui aqui, as duas jugulares! Assim não berram e custa menos.*” (Sr. Licínio, Malhapão). Os sentimentos de desconforto deste produtor na hora do abate (e mesmo no consumo da ‘carne’ de) cabritos devem-se às suas memórias, afetividades que guarda da infância porque, quando era criança, os pais o encarregavam de dar biberão aos cabritos. Também a esposa Inês expressara proteção em relação a uma “*cabrinha*” cria que, por ser da sua filha (Beatriz), “*não é para morrer*”. Já Beatriz não consegue “*sequer ver o abate*” de qualquer animal.

<sup>11</sup> O Sr. Licínio confidenciara que se um animal manifesta resistência, ou mesmo agressividade, durante o encaminhamento, que o despique lhe chega a proporcionar prazer no abate.

No caso do Sr. Eduardo (Ansiães), embora reconheça a elevada inteligência dos animais da espécie suína (“*ainda mais que os cães*”), tendo já perdido a conta os porcos que abateu desde jovem, mencionara ser incapaz de matar leitões ou galinhas. Na sua produção, a ‘Torta’ e a ‘Magricela’ são ‘porcas reprodutoras’ que atingiram o estatuto de *pets*, logo não abatíveis: “*elas ouvem o jipe e sentem-nos pelo cheiro. Elas querem estar comigo*” (Marlene, Ansiães).

### 3. Análise dos dados e conclusões

As histórias de vida verbalizadas, as atitudes e as práticas apuradas, podem contribuir para uma melhor compreensão das relações entre os humanos e os animais, concretamente os da espécie suína. As atitudes inquiridas em relação aos animais apresentam um carácter heterogéneo, dinâmico, algumas vezes contraditório. Atitudes essas que estão dependentes de fatores como a espécie, idade e sexo (dos animais); género, aspetos psicoemocionais, ideológicos, memórias de dado indivíduo (humano); a experiência, o tempo despendido, e as tarefas desempenhadas pelos humanos e não-humanos; classe; e o contexto de produção pecuária.

Destaca-se a evidente ordem social (masculina) inscrita em todos os contextos de produção observados onde, praticamente todos, os animais são perpetuamente mantidos num estatuto de explorados e objetificados; em alguns casos, apenas como extensões simbólicas dos inquiridos - cujo direito (de explorar) é usualmente percecionado como inquestionável e incontestável. A ordem masculina está também inscrita na divisão sexual do trabalho que envolve as práticas de manejo e de abate, nos papéis, nas verbalizações (e falta delas). Está em causa um sistema de “*estruturas duradoiras*” (Bourdieu, 1998) que implica construções identitárias assimétricas, em que os modelos masculinos reproduzidos surgem como opostos e hierarquicamente superiores aos modelos femininos.

Nos contextos de *produção familiar* observados, as práticas e atitudes evidenciadas estão profundamente interrelacionadas com os tradicionais *sripts* de género, próprios da masculinidade e feminilidade tradicionais. Todos os homens inquiridos revelaram que na infância foram incentivados, por figuras masculinas, a participar (quer pela observação quer pela prática) no abate de animais suínos. Com efeito, homens socializados para lidarem com o abate podem ter sido compelidos, por pressão ou por motivação, a orientarem as suas crianças nesse sentido.

Em muitas culturas, a caça e matança de animais representa, tal como aponta Kheel (1996), um ritual simbólico que permite sequestrar os rapazes do mundo das mulheres (o espaço doméstico), e marcar a sua passagem para a masculinidade. Kheel (1996: 39) refere-se à “*identificação negativa*”, em que os rapazes constroem a sua identidade através de um processo de desidentificação em relação à figura feminina. Nestes contextos observados é evidente uma correlação entre um modelo de masculinidade mais tradicional, ou “*mais primitivo*” (Rogers, 2008), cuja afirmação está dependente do abate de animais – sobretudo os de maior porte, como os suínos. E quanto maior porte apresentar um animal, mais determinado homem poderá ser conotado ao poder, força e virilidade (Parry, 2010). Porém, na contemporaneidade, este modelo de masculinidade estará a desvanecer, face a outros modelos mais urbanizados, que não desejam encarar a crueza do abate dos animais (delegando-o), mas que ainda pretendem ingerir ‘carne’ como um símbolo do privilégio masculino. Ora, estará aqui em causa um processo de renovação geracional, de parcial destradicionalização de modelos reproduzidos que até podem pertencer ao universo familiar dos ‘matadores’, como casos de filhos (homens, mais urbanizados) que não são capazes de abater, nem assistir ao abate de animais.

Embora o abate de animais possa ser experienciado, até verbalizado, por alguns ‘matadores’ (como o Sr. Licínio) como uma experiência prazerosa, este deleite vai-se atenuando quando o ato em si se torna rotineiro, serial, automático, meramente gestual. Porém, é a frieza, ou a ausência de emoções, e o foco na técnica de como “*meter a faca*” que pode atenuar o sofrimento dos animais envolvidos – sofrimento que, aliás, normalmente não é bem aceite nas comunidades onde existem *produções familiares*. Complementarmente, o distanciamento emocional experienciado por homens durante o abate dos animais pode aliviar eventuais desconfortos cognitivos e emocionais.

Particularmente em contextos de *produção familiar*, onde está inscrita a tradicional divisão sexual do trabalho, são as mulheres que mais permanecem no espaço doméstico, portanto que mais lidam / cuidam dos animais. Já na *pequena produção*, as mulheres encarregam-se mais das tarefas relacionadas com a reprodução (e.g.: ajudar nos partos), muitas vezes prestando assistência veterinária a mães ou crias que se encontrem em perigo de vida. O tempo que as mulheres passam com os animais, e o tipo de tarefas que desempenham (como o cuidar), são fatores que podem ajudar a explicar porque são elas (por oposição aos homens) que mais verbalizam eventuais criações de vínculos em relação aos animais. Mas, apesar das mulheres estarem mais

sensibilizadas para questões relacionadas com o ‘bem-estar’ dos animais de grande porte, e de na maior parte dos casos não desejarem presenciar o abate, não deixam de participar na exploração dos animais, nem que seja através da sua preparação culinária ou, ainda noutros casos, apenas pelo seu consumo.

A criação e o abate de animais em contextos de *produção doméstica* não se constitui uma mera reunião festiva onde se consome ‘carne’. Os preparativos, o abate, a ‘desmancha’, a confeção, o consumo dos restos do animal, reúnem ainda simbologias, significados, e requerem uma complexa organização social, formas de sociabilidade e de solidariedade (Dantas, 2008). Quando desindividualizado e convertido em ‘carne’, o porco surge, tal como apontou Bourdieu (1998), como um pretexto para conservar e celebrar os vínculos de parentesco<sup>12</sup>.

Já os contextos de *pequena produção* são, sobretudo, orientados por motivos comerciais. Quanto mais economicista é a doutrina de um dado contexto produtivo, maior será a probabilidade de os animais serem constituídos como bens rentáveis<sup>13</sup>. A probabilidade da sua objetificação acresce se forem criados em maior número, em regimes de produção mais intensificados. E, por força das práticas de manejo de carácter mais instrumental, os indivíduos serão compelidos a internalizar sentimentos que reforçam a desindividualização e o estatuto de mercadoria destes animais. Adicionalmente, quanto mais encurtado for o tempo de vida dos animais, menor será a possibilidade de interagirem com as pessoas – conjuntura que diminui as hipóteses de serem criados eventuais vínculos interespécies.

A objetificação e a adoção de atitudes instrumentais para com os animais pode tornar-se funcional porque assegura a eficiência da força de trabalho e, simultaneamente, atenua a criação de eventuais laços. Mas, lidar com os animais como seres sencientes e como objetos funcionais pode despoletar em algumas pessoas estados emocionais ambíguos e contraditórios (Wilkie, 2010). As pessoas que, literalmente, “*sabem lidar com*” os (temperamentos dos) animais suínos, que os concebem como indivíduos sencientes - poderão também passar a concebê-los como bens instrumentalizáveis, abatíveis e convertíveis em comida. Estão em causa atitudes contraditórias que alternam entre: afeto ↔ desapego - sendo esta a última essencial para

<sup>12</sup> Vínculos de parentesco celebrados, por exemplo, entre produtores e filhos (e em alguns casos netos) retornados de férias dos centros urbanos.

<sup>13</sup> Ou seja, se possuem “*bom calibre*”, se “*dão bom rendimento (de ‘carne’)*”, se “*dão boas crias*”.



anular a empatia e solidariedade que eventualmente se possa ter tido para com os animais (Figura 1). Consequentemente, como resultado das atitudes e práticas humanas o estatuto destes animais pode ser flutuante, variando entre: individualização ↔ objetificação (Figura 1).

Apesar da exploração de animais ser estrutural e inquestionada existem, em todas as produções observadas, vínculos perenes, e a título de exceção, entre produtores e alguns animais. Mas constituem casos (muito raros) de animais que permaneçam constantemente individualizados, com nomes, que sejam falados com mais frequência, que possam ser mantidos vivos e, até, adquirir o estatuto de *pets*.

PRODUÇÃO FAMILIAR	<ul style="list-style-type: none"><li>- <b>Estatuto:</b> animais de produção ou (raramente) <i>pets</i>.</li><li>- <b>Motivações:</b> masculinidade, <i>hobby</i>, comensalidade.</li><li>- <b>Maneio dos animais:</b> sobretudo por mulheres.</li><li>- <b>Abate dos animais:</b> sobretudo por homens.</li><li>- <b>Tempo de vida dos animais:</b> 2 meses a 1 ano.</li><li>- <b>Ligações emocionais entre humanos e animais:</b> prováveis.</li></ul>
PEQUENA PRODUÇÃO	<ul style="list-style-type: none"><li>- <b>Estatuto:</b> animais de produção ou (raramente) <i>pets</i>.</li><li>- <b>Motivações:</b> comerciais.</li><li>- <b>Maneio dos animais:</b> por homens e por mulheres</li><li>- <b>Abate dos animais:</b> sobretudo por homens.</li><li>- <b>Tempo de vida dos animais:</b> 2 meses a 6 meses. ‘Porcas reprodutoras’ podem chegar aos 4.</li><li>- <b>Ligações emocionais entre humanos e animais:</b> possíveis.</li></ul>

Tabela 1: Contextos produtivos; estatuto dos animais, motivações relacionadas com a produção / abate; divisão sexual do trabalho (maneio e abate); tempo de vida estimado dos animais; ligações emocionais entre pessoas e animais.

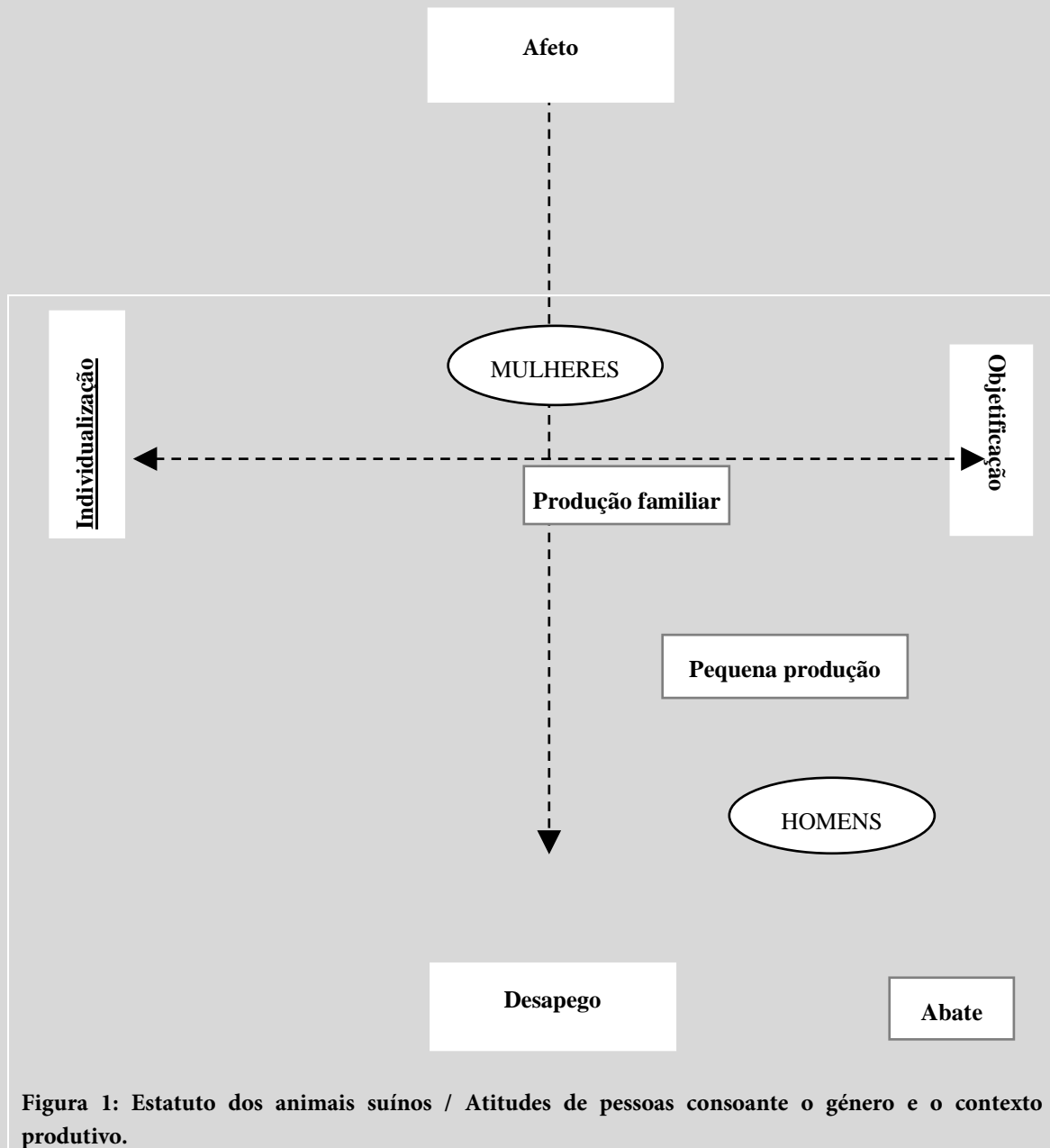


Figura 1: Estatuto dos animais suínos / Atitudes de pessoas consoante o género e o contexto produtivo.

## Anexos



[Imagem 1] Produção familiar da D. Adelaide (Candemil)



[Imagem 2] Produção familiar: D. Adelaide; D. Julieta; Sr. Augusto



[Imagem 3] Produção familiar: Sr. Teixeira e Ana (Salvador do Monte)



[Imagem 4] Produção familiar do Sr. Teixeira (Salvador do Monte)



[Imagem 5] Produção familiar: o 'Ruca' (à esquerda) adotado como *pet* pelo Sr. Teixeira (Salvador do Monte)<sup>14</sup>



[Imagem 6] Pequena produção / abate de leitões: porcas nas infraestruturas do Sr. Licínio (Malhapão, Oiã)

<sup>14</sup> Imagem gentilmente cedida pela Ana, nora do Sr. Teixeira.



[Imagem 7] Pequena produção / abate de leitões: Beatriz, filha de Sr. Licínio e Inês. (Malhapão, Oiã)



[Imagem 8] Pequena produção / abate de leitões: Sr. Licínio e Inês (Malhapão, Oiã)



[Imagem 9] Pequena produção / abate de leitões do Sr. Licínio e Inês (Malhapão, Oiã): leitões e progenitora.



[Imagem 10] Pequena produção do Sr. Licínio e Inês (Malhapão, Oiã): Pós-abate, 'desmancha' de um carneiro.



[Imagem 11] Eu, com um borrego na pequena produção do Sr. Licínio e Inês (Malhapão, Oiã)

Registos fotográficos em *produções familiares* e em *pequenas produções*.

Produção familiar	Pequena produção
<p><u>Adelaide, 69. Candemil.</u></p> <p>(Produção familiar há 38 anos para consumo caseiro. Não abate, mas ajuda no “desmanche”).</p> <p>“Não queremos apegar-nos a eles.”</p> <p>“Há falta de homens que agora ajudem”.</p> <p>“Mete impressão a assistir.”</p> <p>“O meu marido faz matança porque o pai era matador. Ele disse-me: ‘quem vai matar o primeiro porco vou ser eu’. Os amigos do marido disseram - ‘eu mato’ e o outro - ‘eu mato’, e ninguém matou”.</p> <p>“A minha irmã (Celeste) não tem coragem nem de ver. Se ela vê vai cai para o lado.”</p> <p>“Os meus filhos não ajudam”</p> <p><u>Celeste, 66. Candemil.</u></p> <p>“Não tenho coragem.”</p>	<p><u>Marlene, 38. Ansiães.</u></p> <p>“Antigamente metia impressão, agora não tenho problemas em assistir”.</p> <p>“Temos de sobreviver”.</p> <p>“Temos a ‘Torta’ e a ‘Magricela’ desde que começamos há 10 anos. Elas ouvem o jipe e sentem-nos pelo cheiro. Elas querem estar comigo” (Essas não são abatidas).</p> <p><u>Eduardo, 50. Ansiães.</u></p> <p>Foi educado a assistir a morte do porco e “cedo começou a tratar do serviço.”</p> <p>“A mim se mandassem mandar leitão não consigo.”</p> <p>“Eu não consigo matar galinhas.”</p> <p>“O cão pode ser inteligente, mas o porco é mais. Eles sabem distinguir tudo.”</p> <hr/> <p><u>Diogo, 31. Várzea</u></p> <p>(Desde os 14 que abate. Foi “habituação desde criança”.</p> <p>(Compra e vende suínos vivos.)</p> <p>“Não faço a ligação.”</p> <p>“Chego ao matadouro, entrego, e acaba a minha ligação com eles.”</p>



*“Fico muito incomodada enquanto não para de berrar e enquanto sai sangue para todo o lado”*

*“Dou um nome às cabrinhas. Eu não quero carne daquela cabrinha. Custa-me muito... as cabras são muito meiguinhas.”*

Augusto, 63. Candemil

(Sr. Augusto faz a desmancha mas não mata).

*“Matança e depois meto na arca para dar aos filhos.”*

*“A ‘Ruca’ e o ‘Fredy Guarin’, eles chamam e lambuzam a gente.”*

*“Os bichos também são inteligentes.”*

*”Chega aquela altura e não conseguia.”*

Julieta, 62. Candemil

*“Eu agora nem consigo ajudar. Os pequenos consigo, mas os grandes não. Já não*

*“Tenho de olhar para eles todos os dias.”*

*“Prefiro não ver (o abate)”.*

*“Aqui na aldeia somos habituados a fazer isso.”*

<p><i>consigo. É como se estivessem a espetar uma faca a mim.”</i></p> <p><i>“Porcos têm seis meses de vida. Foram comprados em principio de Agosto e mortos em Janeiro”.</i></p> <p><i>“Eu penso que tem que ser o que tem que ser. O que nasce morre. Mas tem que ser. A gente gosta de lhes fazer festinhas, mas nem devia ser assim porque depois é pior. A gente afeiçoa-se a eles.”</i></p> <p><i>“Quando o porco está morto já não está a sofrer”</i></p> <p><i>“Ainda um dia destes fiz um cozido que eles (filhos) estavam todos contentes”.</i></p>	
<p><u>Isaura, 51 (vizinha do Sr. Teixeira). Salvador do Monte</u></p> <p><i>“Muitas pessoas da aldeia não têm coragem de ver.”</i></p> <p><i>“Eles têm uma técnica em que enfiam a faca para ser</i></p>	<p><u>Licínio, 40, Malhapão (Oiã)</u></p> <p>(Produção e abate de leitões. 45 fêmeas. Número de leitões abatidos desconhecido. Faz reprodução de leitões por inseminação natural e artificial. Por influência masculina, começou a lidar com leitões aos 16. A sua produção teve início em 2013 e aguarda autorizações para a poder aumentar).</p>



<p><i>rápido. Eu não consigo.</i></p> <p><i>“Tudo que nasce, morre...”</i></p> <p><i>“Tenho dois irmãos que costumam fazer (a matança).”</i></p> <p><i>“O meu sogro e o meu cunhado... eu fui para ajudar, eles armaram-se em matadores. Espetou, espetou, espetou, e o bicho não morria. Eu disse: o bichinho não está morto. Vocês ides queimar o bicho vivo? Depois vem o outro e dá-lhe duas marretadas na cabeça. Eles já nem podiam olhar para o bicho e foram-se embora. Depois nunca mais experimentaram. São pouco corajosos.”</i></p> <p><i>“A minha sobrinha, com doze anos, lá os batiza com nomes.”</i></p> <p><u>Teixeira, 69. Salvador do Monte</u></p> <p><i>(Produção familiar há mais de 40 anos).</i></p> <p><i>“Já perdi a conta dos porcos</i></p>	<p><i>“Se for leitões para carne o melhor é Landrace e Large White.”</i></p> <p><i>“Uma porca reprodutora em fim de vida pode ser rentável. Pode ser usada para carne e para enchidos. Também quero ter um fumeiro tradicional, é muito rentável.”</i></p> <p><i>“Temos de estar preparados para aquilo” (abate).</i></p> <p><i>“Hã altura que temos de ser conscientes. O animal estava doente, a morrer, eu ia pagar 150 euros pelo veterinário? O melhor foi acabar com o sofrimento dele, ali mesmo.”</i></p> <p><i>“O melhor médico de uma exploração é o dono.”</i></p> <p><i>“Tenho uma (porca) reprodutora espetacular.”</i></p> <p><i>“A mulher ajuda, não tem outro remédio.”</i></p> <p><i>“A minha mulher não mata grandes. Não lida com máquinas.”</i></p> <p><i>“Se um leitão sofrer põe-se um pezinho na cabeça e já está.”</i></p> <p><i>“Não como cabrito porque quando era novo dei biberão aos cabritos por causa dos meus pais.”</i></p> <p><i>“Os cabritos dão berros como uma criança.”</i></p> <p><i>“Só há pouco tempo consegui começar a mudar o óleo às cabrinhas. A essas é muito difícil, berram como crianças! É preciso chegar lá e, zás! Cortar daqui aqui, as duas jugulares! Assim não berram e custa menos.”</i></p> <p><i>“A gente muda-lhes o óleo.” (eufemismo para abate)</i></p> <p><i>“Não é fácil. Se tiver um bom animal dói muito.”</i></p>
---	--

<p><i>que meti a faca. Desde o tempo dos meus pais.”</i></p> <p><i>“O ‘Ruca’ fazia parte de uma ninhada. Andava sempre aqui connosco. Tive-o 2 anos, e depois tive de o dar.”</i></p> <p><i>“O ‘Ruca’ virava-se com as patas no ar”</i></p> <p><i>“Há pessoas da aldeia que não gostam de ver morrer.”</i></p> <p><i>“Quem cria porcos para matar é para isto.”</i></p> <p><i>“O meu filho não gosta de matar ou de ver matar. Se ele não quiser continuar com a tradição o problema é dele!”</i></p> <p><i>“Quando a faca não entra no sitio certo é desagradável.”</i></p> <p><u>Ana, 37 (nora do Sr. Teixeira). Salvador do Monte</u></p> <p><i>“Vim de Aveiro onde fazia equitação. Lido com estes animais há oito anos.”</i></p> <p><i>“Falo com todos os animais. Eu acalmo os animais.”</i></p>	<p><i>“Tens que te mentalizar, e é preciso fazer aquilo. Mas tens de ter princípios quando fazes o serviço.”</i></p> <p><i>“Não podes pensar muito. É chegar ali e zás, zás, zás!”</i></p> <p><i>“Eu não sou pessoa de ver os animais sofrer. Prefiro chegar ali e zás!”</i></p> <p><i>“Eu tinha prazer (no abate). Só tenho dificuldade em mudar ao óleo aos que conheço.”</i></p> <p><i>“Há animais que nos marcam. A ‘Catorze’ (uma porca) não fui capaz de a matar”.</i></p> <p><u>Inês, 39, Malhapão (Oiã)</u></p> <p><i>“Eu fico com a parte da reprodução.”</i></p> <p><i>“Eu vou-me adaptando a eles.”</i></p> <p><i>“É preciso despachar. Sou muito pão-pão queijo-queijo. Faço tudo para os salvar, mas depois de tudo têm de morrer.”</i></p> <p><i>“Se for preciso perco uma noite por eles.”</i></p> <p><i>“Se vir um animal a morrer sou capaz de lhe fazer massagens cardíacas e respiração boca-a-boca.”</i></p> <p><i>“Eu fui mãe. Eu sei o quanto custa ter um filho!” (em relação a ajudar as fêmeas a ter as ninhadas)</i></p> <p><i>“Essa não é para morrer. Essa é da minha filha!” (em relação a uma cabrinha bebé)</i></p> <p><i>“Não sei ao certo quantos leitões temos por ano, mas tenho um calendário onde aponto tudo direitinho sobre os ciclos reprodutores das porcas e das ninhadas”</i></p>
--	---

<p><i>“Eles estão ali a berrar a ser castrados, a cortarem-lhes aquelas partes né, e depois é que são mortos.”</i></p> <p><i>“Não gosto de ver”.</i></p> <p><i>“Mas depois como.”</i></p> <p><i>“(Carne de) cavalo não como.”</i></p>	<p><i>“A gente nasce com um fim. E tudo que nasce tem de morrer.”</i></p> <p><i>“Eu consigo mexer na porca e puxar as patas ao contrário.”</i></p> <p><u>Beatriz, 14 Malhapão (Oiã)</u></p> <p><i>“É assim: eu gosto de carne, mas não como carne de coelhos, nem cavalos, nem cabrinhas. Esses são muito fofinhos.”</i></p> <p><i>“Uma porca rejeitou uma das leitoas, a ‘Nininha’. Então criei a ‘Nininha’ com o biberão, que andava atrás de mim, e não deixei que o meu pai a matasse. Ela depois ficou doente e teve de morrer”</i></p> <p><i>“Não consigo sequer ver o abate.”</i></p> <p><i>Um dia que queira carne e o meu pai não possa abater, mando-os para o matadouro.”</i></p>
---	--

Tabela 2: Excertos de entrevistas de inquiridos/as da produção familiar e pequena produção

## Referências

- Adams, Carol J.; (2003) *“The Pornography of Meat”* New York: Continuum.
- Almeida, Miguel Vale de (1995) *“Senhores de Si (Uma interpretação Antropológica da Masculinidade)”* Lisboa: Fim de Século.
- Bourdieu, Pierre (1998) *“La Dominación Masculina”*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- Dantas, Maria Isabel (2008) *“Sabor do Sangue: uma análise sociocultural do chouriço sertanejo”* (Tese de Doutoramento) Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Disponível em: [ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/MariaID\\_tese.pdf](ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/MariaID_tese.pdf)
- Froehlich, Graciela (2012) *“Do porco não sobre nem o grito!': classificações e práticas, saberes e sabores no abate doméstico de porcos”* (Dissertação de Mestrado) Centro de Ciências Sociais e Humanas Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em:  
[http://w3.ufsm.br/ppgcsociais/images/dissertacoes/2010/Dissertao\\_Graciela\\_ver\\_so\\_final-1.pdf](http://w3.ufsm.br/ppgcsociais/images/dissertacoes/2010/Dissertao_Graciela_ver_so_final-1.pdf)
- Kheel, Marti (1996) *“The killing game: na ecofeminist critique of hunting”* Journal of the Philosophy of Sport pp. 30-44 Disponível em:  
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00948705.1996.9714529>
- Mechin, Colette (1991) *“Les Règles de la bonne mort animale en Europe occidentale”*. L'Homme, 31 n°120. pp. 51-67. Disponível em:  
[https://www.persee.fr/doc/hom\\_0439-4216\\_1991\\_num\\_31\\_120\\_369444](https://www.persee.fr/doc/hom_0439-4216_1991_num_31_120_369444)
- Parry, Jovian (2010) *“Gender and slaughter in popular gastronomy”*, Sage, Feminism & Psychology pp. 281-386 Disponível em:  
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0959353510368129>
- Rogers, Richard A. (2008) *“Beasts, Burgers, and Hummers: Meat and the Crisis of Masculinity in Contemporary Television Advertisements”* Environmental Communication. Vol. 2 N. 3, pp. 281-301 Disponível em:  
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17524030802390250>
- Taylor, Chloë (2010) *“Foucault and the Ethics of Eating”* Foucault Studies, No. 9, pp. 71-88 University of Alberta. Disponível em: <https://rauli.cbs.dk/index.php/foucault-studies/article/view/3060>

United Nations – Food and Agricultural Organization (2009) “*Efetivos Animais*”.

Disponível

em:

[http://www.fao.org/fileadmin/templates/ess/ess\\_test\\_folder/World\\_Census\\_Agriculture/Country\\_info\\_2010/Reports/Reports\\_2/PRT\\_POR\\_REP.VOL2\\_2009.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/templates/ess/ess_test_folder/World_Census_Agriculture/Country_info_2010/Reports/Reports_2/PRT_POR_REP.VOL2_2009.pdf)

Wilkie, Rhoda M. (2010) “*Livestock/Deadstock (Working with Farm Animals from Birth to Slaughter)*”. Philadelphia: Temple University Press.

#### RUI PEDRO FONSECA

Investigador integrado en el Centro de Investigación e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE). Los atuais actuales intereses de pesquisa se centran en las representaciones y actitudes en relación a los animales explotados para fines alimentarios.